



POBRE E MAL AGRADECIDO

POBRE E MAL AGRADECIDO

a educação patológica de

R U I T A V A R E S



L I S B O A :
TINTA-DA-CHINA
M M V I

PREFÁCIO

RICARDO ARAÚJO PEREIRA

© 2006, Rui Távares e Edições tinta-da-china, Lda.
Rua João de Freitas Branco, 33, Loja 8
1500-627 Lisboa
Tels: 21 726 90 28/9 | Fax: 21 726 90 30
E-mail: tintadachina@netcabo.pt

Título: *Pobre e Mal Agradecido*
Autor: Rui Távares
Revisão: Tinta-da-china
Capa: Vera Távares
Composição: Olímpio Ferreira

1.ª edição: Fevereiro 2006
ISBN 972-8955-03-0
Depósito Legal n.º 000000/06

Isto é como ir ao funeral de uma boa pessoa. É claro que vamos elogiar o morto, mas há algum morto que não seja elogiado? Parece que o simples acto de morrer, por mais involuntário e acidental, é digno de elogio. Não há facínora de quem não se tenham dito algumas palavras simpáticas, logo após o passamento. Mais uma cruel partida da morte: redime os corruptos e, inevitavelmente, corrompe os justos. Porque justo e corrupto, mau grado a virtude de um e a vileza do outro, recebem encómios fúnebres semelhantes. Morre um homem bom: trata-se de uma perda irreparável, ficamos todos mais pobres. Morre um homem mau: trata-se de uma perda igualmente irreparável, ficamos todos igualmente mais pobres. Pobres e, pelos vistos, agradecidos.

Com os prefácios é a mesma coisa. Seja o livro bom ou mau, tenha o autor muito ou nenhum interesse, há sempre um prefácio que os recomenda com igual entusiasmo. O meu problema é, por isso, o seguinte: o Rui Távares e este *Pobre e Mal Agradecido* são dois magníficos defuntos (à medida que o raciocínio avança, dou-me conta do bom gosto deste símile. Em todo o caso, não deixa de ser apropriado que, por causa desta tosca metáfora fúnebre, esteja eu próprio a enterrar-me), mas que posso eu dizer deles que não tenha já sido dito de outros, muito maus? Em Portugal, o que não falta são louvores eloquentes a maus defuntos.

Como fazer crer ao leitor que aqui se tecem elogios sinceros e merecidos, e não as loas cínicas e burocráticas do costume?

Não tenho outra alternativa: conto uma história. É conhecido o poder persuasor de uma boa narrativa. E de uma má também, espero, porque esta não é exactamente uma epopeia. Mas tem uma característica que aprecio muito nas histórias: sou eu o protagonista.

Aqui há uns anos, eu (cá está) escrevia num blogue. Tinha coisas para dizer, ou assim acreditava, e escrevia-as lá. Nisto, apareceu no mundo dos blogues um tal Rui Tavares, que eu não conhecia, e que dizia aquilo que eu queria dizer, mas melhor. Na verdade, como o leitor já terá percebido, o Rui Tavares escreve melhor do que eu, é mais culto do que eu, tem mais graça do que eu e é mais de esquerda do que eu. Nada disto é digno de particular nota, sobretudo tendo em conta o termo de comparação, mas o certo é que, quando o Rui Tavares chegou à blogosfera, eu fiquei sem nada para dizer. E foi então que, como toda a gente que não tem nada para dizer, fui fazer televisão.

Qual é a lição deste belo conto? É a seguinte: neste prefácio não quero elogiar nem recomendar o livro do Rui Tavares. Quero, sim, subscrevê-lo. Imaginem que, na capa, além do nome do autor, vai também o meu. *Pobre e Mal Agradecido* é um livro que eu gostaria de ter escrito — e tê-lo-ia feito, se não fosse um palerma.



Morte: ¿Que me quieres?
Diabo: Que me digas porque eres
Tanto de los pobrezicos?
Baxos hombres y mugeres,
destos matas quantos quieres,
Y tardan grandes y ricos.
[...]
Morte: Verás como no me escapa
Desde el conde hasta el papa.

GIL VICENTE, *Auto da Barca da Glória* (1519)

As virtudes dos pobres devem ser prontamente reconhecidas, e muito lamentadas. Diz-se frequentemente que os pobres agradecem a caridade. Alguns deles, sem dúvida; mas os melhores entre os pobres nunca agradecem. São ingratos, descontentes, desobedientes e rebeldes. E com toda a razão. [...] um pobre que é ingrato, gastador, descontente, e rebelde, é provavelmente uma grande personalidade, e de grande valor. [...] Quanto aos pobres virtuosos, podemos ter pena deles, é claro, mas não poderemos jamais admirá-los.

The virtues of the poor may be readily admitted, and are much to be regretted. We are often told that the poor are grateful for charity. Some of them are, no doubt, but the best amongst the poor are never grateful. They are ungrateful, discontented, disobedient, and rebellious. They are quite right to be so. [...] a poor man who is ungrateful, unthrifty, discontented, and rebellious, is probably a real personality, and has much in him. [...] As for the virtuous poor, one can pity them, of course, but one cannot possibly admire them.

OSCAR WILDE, *The Soul of the Man Under Socialism* (1891)

Quatro capítulos deste livro foram compostos a partir de textos meus seleccionados por Nuno Sousa, um rico amigo, a quem estou bem agradecido.

Uma palavra também para Steffen Hoernig, que ajudou a quebrar um galho patalinguístico.

ÍNDICE

[...] *argumentos estéticos, sentimentais e políticos... entre o pathos romântico e o logos analítico* [...]

[...] *ästhetische, sentimentale und politische Argumente; ein Diskurs zwischen romantischem Pathos und analytischem Logos* [...]

HERMANN FAUSTROLL und JOSEPH NEMO, *Die pathalogische Erziehung* (1912)

Ter algo para dizer e dizê-lo 15

Setembro 31

Avenida da Liberdade 37

O Senhor Murakami 51

Diário do santanismo 65

O Mundo sem W.G. 83

Esplendor da ninharia 91

De Hume à espiritualidade instantânea 111

Um estranho numa terra estranha 121

De Goya a Abu Ghraib 147

Cinco notas avulsas sobre máquinas e tempo 155

A vitória de Alexandre 165

O que é um alguém 173

Anibalófis I 179

Sobre o começar e o acabar 187

TER ALGO PARA DIZER E DIZÊ-LO

Em 1946, após a publicação de *Animal Farm — A Fable* [conhecida em Portugal como *O Triunfo dos Porcos* e no Brasil como *A Revolução dos Bichos*], George Orwell deu-se conta de que o seu trabalho, que encontrara pela primeira vez o grande público com a publicação dessa alegoria política, começava a ser interpretado como um ataque ao socialismo. Decidiu então acrescentar um esclarecimento que repetiria mais tarde em «Why I Write» [«Porque escrevo»], um pequeno ensaio escrito naquele estado de glória, feito de clareza e facilidade aparente, que atingiu a partir de certa altura da sua carreira. Uma das frases esperava dissipar de uma vez por todas as dúvidas em relação às suas posições políticas: «Todas as linhas de trabalho sério que tenho escrito desde 1936 foram escritas, directa ou indirectamente, *contra* o totalitarismo e *a favor* do socialismo democrático tal como o entendo» [«Why I Write», in *Essays*, Londres, Penguin, 2000]. Este esclarecimento foi lembrado em 1984, aquando das comemorações do romance epónimo naquele agora longínquo mundo da guerra fria, num momento em que mais uma vez a obra de Orwell era usada na ignorância, por vezes na omissão deliberada, do socialismo do seu autor.

Passados dezanove anos, aquando das comemorações do centenário do seu nascimento, as apropriações de Orwell não se

extinguiram. Este facto, em si, não é grave; algumas apropriações são assumidas mais ou menos humildemente pelos seus autores, outras — aí sim — são dissimuladas ou hipócritas. As piores apropriações são, evidentemente, os louvores. De uma maneira tão tristemente irónica para quem escreveu sobre a dissociação entre linguagem e pensamento, os louvores que quase todos os dias se ouve fazerem-lhe são simplificações, e a simplificação é o pior serviço que se pode prestar à sua memória. Precisamos, então, de um Orwell que não tenha sido achatado pelas simplificações.



Comecemos pelo trivial. O que se comemorou em 2003 não foi o centenário do nascimento de George Orwell — pois, no fim de contas, «Orwell» apareceu pela primeira vez em 1933, e apenas com o nome que assinava *Down and Out in Paris & London*, um livro sobre a vagabundagem nestas duas cidades, escrito na primeira pessoa por um autor até então desconhecido. Quem nasceu em 1903, na Índia, foi um indivíduo de sexo masculino, filho de pais ingleses, chamado Eric Arthur Blair. Foi esta criança que viajou para Inglaterra com apenas um ano de idade, aí vivendo com a família e mais tarde em colégios internos, e que estudou em Eton enquanto adolescente. Foi também Eric Arthur Blair que, na impossibilidade de prosseguir os estudos nas universidades de Oxford ou Cambridge, decidiu alistar-se no corpo de polícia do Império Britânico e passou cinco anos da sua vida num emprego que acabou detestando. E foi finalmente Eric Arthur

Blair (e não «George Orwell», que não existia ainda) que abandonou a polícia imperial e a Ásia, se mudou para Paris e, enquanto vivia como vagabundo, tentou esforçadamente iniciar uma carreira literária tardia. Só depois de tudo isto nasceu a *persona* literária a que chamou George Orwell e que compartilhou os pensamentos do seu autor nos últimos dezassete anos de vida deste. Mas quem morreu em 1950 de uma hemorragia pulmonar foi de novo Eric Arthur Blair e não George Orwell, como se depreende da sua última vontade, que foi a de ser enterrado num qualquer cemitério de província inglês, junto a um túmulo onde apenas se escrevesse o seu nome verdadeiro e de onde se excluísse o pseudónimo por que é conhecido.

Segundo ponto: Eric Blair / George Orwell foi um escritor ou, para ser mais claro, um romancista e um literato até, e deve continuar a ser visto como tal. O facto de ter sido um escritor político não invalida o ter sido alguém cuja área de acção foi a literatura. Orwell desconfiava da política, e sustentava que só as circunstâncias terríveis do século xx o tinham forçado a dar-lhe atenção. Mas ainda que a maioria ou até a totalidade da sua obra tenha sido política (e porque não?), isto não faz de si um político que tenha escrito livros em vez de um escritor que tenha pensado sobre a política.

Começo por estes dois pontos por causa de dois erros comuns no que diz respeito ao tratamento público da figura de Orwell. O primeiro, já detectado pelo biógrafo Bernard Crick, é a tendência para transformar Orwell numa espécie de santo laico. «Saint George Orwell», no entanto, é uma aparição que não poderia estar mais longe do que Eric Blair terá pretendido para si próprio e para a sua extensão literária. Para um autor que sempre recusou por princípio a conquista da perfeição — que conside-

rava, no mínimo, absurdamente desumana —, a santidade é uma armadilha. Relembrar que, ao contrário do que tem sido dito, não foi o centenário de «George Orwell» que se comemorou em 2003 talvez sirva para contrariar um pouco esta tendência de o subtrair às suas hesitações e imperfeições — e, com um pouco de sorte, a tendência complementar para tentar destruí-lo por não ter estado à altura da santidade que não reclamou para si. Em palavras mais simples: não adianta procurar pés de barro em quem não quis ser santo.

Por outro lado, nos últimos anos tem-se acentuado a tendência para tornar Orwell numa espécie de máquina de previsões políticas e, em paralelo, de barómetro da moralidade em questões públicas. É este o tipo de posição segregada em cada linha do *bestseller* do centenário de Orwell, *Why Orwell Matters*, do publicista anglo-americano Christopher Hitchens. A base do argumento é a capacidade de Orwell para discernir, em cada momento da história da humanidade que teve possibilidade de viver, qual era a posição correcta a tomar. «Orwell», diz Hitchens, «esteve correcto nos três assuntos cruciais da sua época: o imperialismo, o fascismo e o estalinismo» [Christopher Hitchens, *Why Orwell Matters*, Nova Iorque, Basic Books, 2003].

Como vimos atrás, esta «correção» vem em dois sabores: factual e moral. Trata-se de uma equação simples, cujo resultado é a avaliação do mérito do autor. Quanto mais correcto esteve nas suas previsões de facto, e — em simultâneo — quanto mais moralmente correcto foi Orwell nas posições que assumiu ao longo da sua vida, mais «importante» terá sido. Daí o destaque dado à redescoberta, por parte de Timothy Garton Ash [V. *The Guardian* de 10 de Julho de 2003], de um documento onde Orwell sugeria ou denunciava intelectuais pró-comunistas ao

Foreign Office britânico: a descoberta de que «St.» Orwell não era afinal tão moralmente perfeito como inicialmente se pensava invalidaria a importância do seu pensamento.

O exercício da crítica orwelliana converte-se assim numa espécie de translação temporal: que diria Orwell, se fosse vivo hoje, dos mais recentes acontecimentos da política internacional? Ou seja: estaria do lado de quem? A tarefa de cada comentador consiste assim numa espécie de exegese bíblica — provar que Orwell estaria do *meu* lado — cedo transformada naquela velha modalidade que é o pingue-pongue intelectual para efeitos políticos.

Ao mesmo tempo que se resume a carreira literária de George Orwell, deve então tentar-se resgatar desta ganga alguns aspectos da sua importância não como Grande Previsor Político nem como Grande Referência Moral, mas simplesmente como escritor e intelectual.

Um dos efeitos colaterais do tratamento político dado a Orwell tem sido a dedicação quase exclusiva dos *media* aos seus dois últimos livros, *O Triunfo dos Porcos* e *Mil Novecentos e Oitenta e Quatro* [por razões de brevidade, 1984 daqui em diante], e um ou outro ensaio — quase sempre *Politics and the English Language* —, esquecendo-se a sua restante produção literária. Há, contudo, que distinguir entre o que foi a fortuna literária destes dois livros e aquilo que é o seu lugar na obra literária.

A fortuna literária de ambos estes livros — *O Triunfo dos Porcos* e 1984 — excedeu em muito as expectativas do autor, nomeadamente no quadro do debate da guerra fria. A importância destes livros foi maior ainda na Europa de Leste do que no Ocidente em particular por causa das várias edições clandestinas que circularam pelo bloco soviético e que ganharam para Orwell a

admiração e — não será exagerado dizer — a gratidão dos europeus de Leste.

No entanto, grande parte dessa fortuna literária é posterior à morte do próprio autor, em 1950. A enorme relevância que adquiriram acabou por distorcer *a posteriori* a leitura da obra de Orwell, e grande parte das tentativas de o interpretar a partir destas obras mais conhecidas resultam como tentar vê-lo pelo lado errado dos binóculos. Daí que eu deseje argumentar aqui que uma melhor análise da obra de George Orwell poderia ser feita, por exemplo, a partir dos seus dois primeiros romances, muito menos conhecidos.

Burmese Days [tradução portuguesa *Os Dias da Birmânia*, Moraes Editores], baseado na sua experiência pessoal do Império Britânico na Ásia, é um romance de formação. Foi o primeiro romance terminado por Orwell, embora tenha sido o seu segundo livro a ser publicado, e tem algumas das características que é comum imputar às primeiras obras. O autor confunde-se facilmente com o narrador, ao passo que os factos da existência do protagonista combinam com os pormenores biográficos do próprio Orwell — e as relações entre cada uma destas partes nem sempre correm de forma discreta. O tom geral da obra é menos afirmativo e panfletário do que na literatura subsequente, mas a intencionalidade política é evidente no tratamento das injustiças infligidas sobre a população indígena e na patética aflição — domesticada pela fleuma — com que os Ingleses tentam segurar-se aos seus privilégios.

Trata-se efectivamente de uma primeira tentativa de romance, um pouco titubeante talvez, mas que tem sido lançada de forma demasiado apressada para a categoria dos romances falhados da juventude. O próprio Orwell estava descontente com

o grau de rigor a que tinha submetido esta realidade birmanesa, e voltaria a ela num ensaio brilhante, «Shooting an Elephant», a que voltaremos no final. A insatisfação do autor diz-nos mais acerca da sua exigência consigo mesmo do que da qualidade da obra. No fundo, nada justifica que se menospreze aquilo que é, a todos os títulos, um quadro denso e sensível da vida sob o colonialismo, na verdade um dos melhores romances escritos por ingleses sobre a «Índia» britânica, a par de *A Passage to India*, de E.M. Forster. Não é o Orwell de que todos ouvimos falar; mas será difícil que o leitor que não tiver isso em mente saia intocado pela experiência d'*Os Dias da Birmânia*.

Da busca de querer ser escritor sem saber muito bem como saiu-lhe o segundo livro que completou — e o primeiro a ser publicado, já sob o pseudónimo que usaria daí em diante — *Down & Out in Paris and London* [tradução portuguesa *Na Penúria em Paris e em Londres*, Antígona]. *Na Penúria em Paris e em Londres* parece ser uma longa reportagem sobre a vida dos destituídos das duas cidades sobre as quais Dickens havia escrito a sua *Tale of Two Cities*. A tradição dickensiana faz aqui todo o sentido, nomeadamente no tratamento simultaneamente empático e picaresco dado às personagens dos vagabundos, dos vigaristas de bairro e, em geral, da arraia-miúda destas cidades. Este é já um livro inesquecível de Orwell, um primeiro marco que faz dele um autor original. É neste livro que Orwell começa a revelar todo o seu talento para a descrição precisa e despretensiosa dos fenómenos: a fome, por exemplo, o medo ou o sentimento de culpa.

Enquanto escrevia *Na Penúria em Paris e em Londres*, Orwell tinha nas mãos recursos suficientes para se distinguir como escritor. Destaco três momentos que o comprovam: uma personagem, uma descrição e uma cena, cada uma delas inesquecível para

qualquer leitor deste livro. A primeira metade é dominada por Boris, a personagem que, tanto em altura como em inventividade, se eleva sobre todas as outras, um exilado russo cheio de recursos, temível jogador de xadrez, e com uma frase sempre pronta a sair-lhe dos lábios em situações de desespero: «não se preocupe, *mon ami*». Na segunda metade, passada em Londres, é magnificamente conseguida a cena em que os vagabundos são obrigados a assistir a um serviço religioso para ganhar uma refeição na sopa dos pobres. A mistura de humilhação, raiva e agressividade entre os sujeitos e os objectos da caridade é trazida à luz de uma forma fria, como quem nos desengana.

Entre a personagem de Boris e a cena do serviço religioso ocorre uma descrição da fome que com justiça se tornaria célebre, porque corresponde inequivocamente à melhor voz de Orwell:

«A fome reduz uma pessoa a um estado sem cérebro, e sem coluna vertebral, que se parece mais com os efeitos da influenza do que com qualquer outra coisa. É como se a pessoa se tivesse transformado num molusco qualquer, ou como se não tivesse sangue, e o sangue tivesse sido substituído por água morna. A inércia completa é a minha principal recordação da fome; isso e ser forçado a escarrar com frequência, à medida que o escarro ganha uma estranha cor branca de algodão, como se fosse saliva de cuco. Não sei a razão do fenómeno, mas todas as pessoas que conheci e que passam fome durante alguns dias falam da mesma coisa.»

Com *Na Penúria...* começam alguns equívocos em relação às categorizações da obra de Orwell. Como se trata de um livro que utiliza recursos que mais pareciam (à época da publicação e mesmo hoje em dia) da reportagem jornalística do que da ficção,

pode parecer que Orwell tenha começado aqui a sua carreira como propagandista político. Embora concedendo que Orwell nunca viu mal algum em distribuir propaganda política junto com a sua literatura, devem fazer-se duas ressalvas:

1) A de que *Na Penúria em Paris e em Londres* não é exactamente uma reportagem nem é, em momento algum, vendida como tal no contrato implícito que todas as obras estabelecem com os seus leitores. Se é verdade que o texto pode colar-se ao estilo jornalístico por razões estilísticas (o uso da primeira pessoa do singular, a cronologia linear, etc.), é apenas de efeito e não de essência que se trata; na verdade, George Orwell sempre admitiu tranquilamente que distorcia, omitia ou imaginava determinados acontecimentos — mesmo que a maioria tivesse efectivamente ocorrido como era relatado — para melhorar a narrativa. Fazia-o porque, na dúvida entre relatar bem e relatar exactamente, o jornalismo perdia para a literatura — e isto como regra.

2) À época ainda não existia o nome que mais tarde se inventaria para este género, nomeadamente entre os anglo-saxónicos: *non-fiction fiction*, ou seja, ficção sem ficção, o género que explorariam Truman Capote, Norman Mailer, Bret Easton Ellis ou Bruce Chatwin, para citar apenas uns quantos. Faz pois mais sentido considerar Orwell como um precursor deste género do que excluí-lo da literatura para a reportagem ou para a propaganda política. Uma das consequências perniciosas dos «louvores e simplificações» de Orwell resultou em tê-lo amputado daquela que foi, provavelmente, uma das suas maiores contribuições para a literatura contemporânea.

Não esmiuçaremos cada um dos livros de Orwell com o mesmo nível de pormenor que dedicámos aos seus dois primeiros, o que

nos obrigará a uma estratégia também ela simplificadora, mas pelo menos com alguma originalidade em relação às criticadas acima. Esta consistirá em arrumar a literatura subsequente de Orwell, nomeadamente a que foi publicada como livro independente, sob duas colunas.

Cada uma dessas colunas corresponde à voz que Orwell inaugurou em cada um dos seus dois primeiros romances.

A primeira delas começaria pel'*Os Dias da Birmânia* e incluiria os seguintes títulos: *Keep the Aspidistra Flying* [tradução portuguesa *O Vil Metal*, Livros do Brasil], *Coming Up for Air* e *A Clergyman's Daughter* [*A Filha de Um Reitor*, Livros do Brasil]. Tratam-se de empresas literárias mais tradicionais, relativamente intocadas pelo modernismo, ou seja, ancoradas na linha que trouxe o romance psicológico do século XIX até ao início do século XX (através de Tolstoi e do teatro de Tchekov e Ibsen, entre outros); romances construídos à volta de uma intriga mas cujo maior investimento se concentra na descrição de situações e nomeadamente na construção da densidade psicológica das personagens perante os seus dilemas.

A outra coluna, iniciada por *Na Penúria em Paris e em Londres*, foi continuada por *The Road to Wigan Pier* [*A Estrada para o Cais de Wigan*, Antígona], *Hommage to Catalonia* [*Homenagem à Catalunha*, Livros do Brasil] e grande parte dos seus ensaios de tamanho mais curto, como «Shooting an Elephant» ou «A Hanging». Nestes casos, Orwell parte de acontecimentos da sua vida narrados em tom «verista» para defender argumentos concretos sobre assuntos públicos ou da «condição humana», nomeadamente a pobreza, a autoridade e o medo. Estes são romances menos tributários do sentimentalismo e escritos num modo quase neoclássico: sem excrescências — *inutilia truncat*. Aliás, pode

defender-se que Orwell chegou até eles num processo de exclusão de partes: ao libertar-se dos modismos literários e ao evitar os recursos literários em que se sentia menos à vontade, Orwell chegou àquela que poderia ser considerada a sua regra de ouro literária: *ter algo para dizer e dizê-lo*. Que isto não seja entendido como literatura diz mais da nossa empobrecida visão da literatura do que da natureza da obra de Orwell.



Como vimos neste breve percurso, *O Triunfo dos Porcos* e *1984* — logo os dois livros mais conhecidos — não são os exemplos mais típicos do trabalho, nem sequer do pensamento, de Orwell. Não se conseguem incluir facilmente, por exemplo, em nenhum dos paradigmas da sua obra anterior — nem na ficção romanesca d'*Os Dias da Birmânia* ou de *Keep the Aspidistra Flying*, nem na «ficção sem ficção» de *Na Penúria em Paris e em Londres* e *Homenagem à Catalunha*. Não são, pois, independentemente dos seus méritos particulares, as «obras-primas» da carreira literária de Orwell — e não foram pensados enquanto tal pelo próprio autor. Orwell investiu pouco, por exemplo, em *O Triunfo dos Porcos*, apesar de ter considerado, *a posteriori*, que esta havia sido a obra em que melhor tinha fundido, *até à época*, política e literatura. Mesmo assim, considerava *O Triunfo dos Porcos* mais como um ponto de partida do que de chegada. Declarou que esperava ainda escrever outro romance naquela nova voz literária que tinha encontrado (a alegoria política) e fê-lo de facto — com *1984*. E depois de *1984*, chegou a dizer que não esperava morrer tão cedo, porque ainda não havia

escrito o seu melhor livro, e fingia acreditar inocentemente que os escritores não morrem sem deixar a sua obra-prima.

Com *1984* — uma estupefata ideia de romance que a saúde cada vez mais débil de Orwell não o deixou levar até onde queria — a crítica tem concedido a Orwell o lugar de precursor literário que raramente se lhe atribui com os seus romances anteriores. Não é, de todo, a minha opinião. Creio que *1984* foi mais pensado como o desenvolvimento de uma tradição do que como o início de outra. O romance distópico é, afinal, o cruzamento entre o romance utópico do Renascimento e do Iluminismo e as duras realidades políticas do século xx. Orwell não foi o primeiro a tentá-lo; acontece que a sua actualidade, o contexto político e a época em que foi escrito o trouxeram até à cultura popular, via televisão e cinema. A primeira metade do século xx, contudo, havia-nos dado vários romances distópicos, alguns dos quais mais aperfeiçoados do que *1984*. Nos anos 30, o escritor checo Karel Čapek (bem conhecido na Grã-Bretanha com uma ajudinha do seu amigo George Bernard Shaw) escreveu uma extraordinária prefiguração da Segunda Guerra Mundial em *A Guerra das Salamandras* [Caminho], além de uma distopia sobre guerras religiosas em *A Fábrica de Absoluto* [Livros do Brasil, há muito esgotada em Portugal]. E, acima de tudo, temos *Nós* [Antígona], do russo Evgueni Zamiatine, a primeira «utopia negra» inspirada no bolchevismo — e talvez a melhor de todas —, um livro literariamente excepcional e politicamente clarividente que Orwell leu e no qual se inspirou para *1984*.

Finalmente, nenhum resumo da obra de Orwell pode deixar de citar os seus artigos e pequenos ensaios, uma arte em cuja qualidade Orwell se excedeu. Limitar-me-ei a sugerir quatro exemplos, todos textos muito curtos, infelizmente indisponíveis em

português, e para que remeto o leitor. Todos, se lidos, falam por si próprios com enorme clareza. Além do já citado «Why I Write», uma lúcida reflexão sobre a escrita e as suas motivações, são indispensáveis: «Politics and the English Language», o seu ensaio mais citado, sobre as relações entre o empobrecimento da linguagem e o autoritarismo (prefigurando algumas das reflexões de *1984* sobre a novilíngua, ou *ingsoc* na versão original); «The Common Toad», talvez o melhor exemplo da arte de Orwell quando fala de política falando de outra coisa (neste caso, a chegada da Primavera, simbolizada pela cópula das rãs nos charcos) e por último, porque me parece ser talvez o mais adequado aos recentes acontecimentos da política mundial, seria essencial que se editasse em português o brilhante «Shooting an Elephant». Neste ensaio, que parte de um acontecimento da vida de George Orwell enquanto Eric Blair, polícia na Birmânia, o autor reflecte sobre a futilidade da empresa colonial britânica, e demonstra como ela se mantém em pé apenas pelo desejo de se «não fazer figura de idiota» que assombrava os funcionários coloniais no ultramar e o governo sediado em Londres.

O «não fazer figura de idiota», fingindo que se acredita plenamente na idiotice do momento. Pensando bem, aqui está uma altíssima razão da política, passada ou actual, que apenas a argúcia criativa da literatura, *tal como ele a entendia*, saberia escarpelizar: a necessidade, que as potências e os seus líderes sempre têm, de fingir que sabem o que estão a fazer.



TER ALGO PARA DIZER
E DIZÊ-LO

Publicado pela primeira vez na revista *História* de Setembro de 2003. O título inicial deste texto era outro. O então editor da *História*, Luís Leiria, achou-o banal (com razão), encontrou uma frase minha no texto que resumia de forma mais certa a intenção, até a motivação, do artigo — e sugeriu a mudança. Um título mudado para melhor por um editor é uma ocasião rara que deve ser registada, e agradecida ao responsável, com uma certa inveja do autor por não ter sido o primeiro a lembrar-se.

SETEMBRO

Publicado pela primeira vez no blogue *Barnabé* a 12 de Setembro de 2003, por volta das 00h05 da madrugada.

AVENIDA DA LIBERDADE

Colecção de textos com afinidades estilísticas e temáticas, publicados

no *Barnabé* em períodos bastante diversos e recombinaados para esta ocasião.

O SENHOR MURAKAMI

Inédito.

INTERLÚDIO SANTANISTA

Textos publicados no *Barnabé* entre Junho e Dezembro de 2004, revistos e reunidos num único capítulo.

O MUNDO SEM WG

Obituário feito em resposta a uma encomenda de um semanário e cuja publicação foi recusada. Uma versão revista foi publicada no *Barnabé XL*.

ESPLENDOR DA NINHARIA

Textos vários, publicados pela primeira vez no *Barnabé*, agora reunidos, revistos e recombinaados numa nova versão.

DE HUME À ESPIRITUALIDADE
INSTANTÂNEA

Publicado originalmente no suplemento 6^a do *Diário de Notícias*, a 13 de Janeiro de 2006.

UM ESTRANHO
NUMA TERRA ESTRANHA

Textos sobre religião, publicados no *Barnabé* em diversas ocasiões, e agora revistos. Tal como nos outros textos nascidos em meio bloguístico, a génese destes textos encontra-se frequentemente no quadro de controvérsias, réplicas e trélicas entrecruzadas. O leitor mais interessado em seguir os fios à meada original pode (e deve) consultar os arquivos disponíveis em <http://barnabe.weblog.com.pt> — ou mais directamente pesquisar os textos através de um banal motor de busca da *web* — onde encontrará as hiperligações para o contexto relevante. Uma pesquisa com o título do texto — ou até uma frase avulsa — em <http://www.technorati.com> fornecerá todas as respostas blogosféricas ao texto em questão.

DE GOYA A ABU GHRAIB

Publicado pela primeira vez na revista *Relações Internacionais*, n.º 2, de Junho 2004.

CINCO NOTAS AVULSAS
SOBRE MÁQUINAS E TEMPO

Publicado pela primeira vez na *Prototipo space-craftmanship* n.º 1, de 1998.

A VITÓRIA DE ALEXANDRE

Publicado pela primeira vez na revista *Relações Internacionais*, n.º 4, de Dezembro 2004.

O QUE É UM ALGUÉM

Publicado pela primeira vez, em folheto e numa versão abreviada, pela Galeria Pedro Serrenho [Porto, 2004].

ANIBALÓFIS I

Inédito.

SOBRE O COMEÇAR E O ACABAR

Publicado pela primeira vez na revista *Vida Mundial*, Setembro de 1998.

Todos os textos anteriormente publicados foram revistos, por vezes de forma bastante profunda; como fica dito acima, em alguns casos textos escritos em ocasiões diversas foram recombinaados por áreas temáticas ou por razões de ordem estilística.

POBRE E MAL AGRADECIDO

FOI COMPOSTO EM CARACTERES HOEFLER TEXT
E IMPRESSO PELA GUIDE, ARTES GRÁFICAS,
SOBRE PAPEL PRINT SPEED DE
90 GRAMAS, NUMA TIRAGEM
DE 2000 EXEMPLARES,
EM FEVEREIRO
DE 2006

